ENTREVISTA

MÁRIO CHAGAS

MÁRIO DE SOUZA CHAGAS é poeta, museólogo, professor da UniRio, mestre em Memória Social e doutor em Ciências Sociais. Atualmente dirige o Departamento de Processos Museais do Ibram (Instituto Brasileiro de Museus). Acompanhe extratos de entrevista concedida com exclusividade ao *blog* Ângelo Vanhoni.

AV - Mário, o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) tem poucos meses de existência, mas, sabe-se que era uma meta antiga do governo Lula, criado com o objetivo de formular e atender especificamente a política cultural para todos os museus. Quais foram os avanços frente a estes objetivos ?

MC - Havia mesmo um anseio antigo para a criação de um instituto, de uma entidade que pudesse articular uma política de museus. É um anseio de toda a comunidade museológica brasileira. O que existia antes de 2003 era uma grande desarticulação do setor. Por ocasião do lançamento da Política Nacional de Museus, em maio de 2003, permitiu-se que fosse criado um eixo de articulação. Esse eixo passou a ser a Política Nacional de Museus e logo em seguida foi criado o Departamento de Museus e Centros Culturais, em agosto de 2003. Ainda em 2002, houve uma grande mobilização da comunidade museológica brasileira; um documento foi entregue aos candidatos a presidência da república apresentando os preceitos e as reivindicações básicas do setor museológico. Ainda durante a campanha do presidente Lula, foi produzido pelo Conselho Federal de Museologia um documento chamado "A Imaginação Museal a Serviço da Cultura". Isso tudo foi encampado pelo governo Lula após a eleição e ali estava já a previsão da criação de um Instituto Brasileiro de Museus. O nome não estava definido ainda, mas a ideia estava bem indicada e amadurecida.

AV - Hugues de Varine descreve as perspectivas museológicas para o devir, em entrevista concedida a você em 1995, sob três categorias: o museu espetáculo, o museu coleção e o museu comunitário. Como estas diferentes conceituações são vistas pelo Ibram e qual delas se impoêm como prioridade para o recém-criado instituto?

MC – O museu coleção é uma herança que vem do século XVIII, entrando pelo século XIX. É um museu que valoriza o acervo, são coleções de caráter universal. Esse é o modelo de museu clássico. Ele valoriza a coleção, se instala num excelente edifício, em geral um edifício de caráter palaciano e trabalha com um público controlado, um público bastante disciplinado.
O museu espetáculo foi uma tendência que começou a ter um pouco mais de presença depois da segunda guerra mundial. Este tipo de museu se projetou com força até os anos 90 e mesmo até a atualidade. Um museu que valoriza especialmente o grande acontecimento expositivo. São as grandes exposições, o museu como um grande espaço de comunicação, mas, com pouco interesse na transformação social e na produção de novas utopias. É o museu do acontecimento, focado na conservação da situação tal qual ela está. Eu diria, é um museu espetáculo, mas ao mesmo tempo um museu conservador. Isso teve o seu auge nos anos 90.
Ao lado destas tendências, gradualmente vem se consolidando uma outra tendência que o Hugues de Varrine chama de museu comunitário. Aconteceram algumas experiências isoladas nos anos 50. Depois veio se consolidando um pouco mais com os ecomuseus. Essa experiência vem se fortalecendo. Quanto mais vivemos num regime democrático, mais possibilidades nós temos de aprofundar a experiência dos museu comunitários.
Eu diria que hoje no Brasil tem espaço para o museu coleção, para o museu espetáculo e também tem espaço para os museus comunitários. O nosso desafio é não abandonar o museu coleção, pois existem coleções que são importantes de serem valorizadas, não abandonar também as tendências do museu espetáculo, algumas grandes exposições são importantes, mas, o desafio é efetivamente trabalhar um campo que está pouco trabalhado, que são os museus comunitários. Eles se caracterizam pela valorização das pessoas. São as pessoas que produ-



Gilson Camargo

> *O museu é uma ferramenta contemporânea e pode contribuir para a melhoria da sociedade.*

zem acervos, que conservam acervos e que transformam também esses acervos. As experiências de museus comunitários valorizam as pessoas, valorizam as comunidades, valorizam o desenvolvimento local sustentável.

AV - Onde surgiu a ideia dos Pontos de Memória e qual a inscrição desta formulação nas políticas culturais brasileiras?
MC - Os Pontos de Memória são uma especialização dos chamados Pontos de Cultura. Uma ideia que eu acho maravilhosa do então ministro Gilberto Gil. Ele mencionava a ideia do do-in antropológico. Era preciso tocar os Pontos de Cultura do Brasil para energizar esses pontos, produzindo assim uma maior diversidade cultural. A medida que os Pontos de Cultura foram criados, nós passamos a observar ali um trabalho de memória. Alguns deles se especializaram e se transformaram em Pontos de Memória, porque o foco de trabalho estava exatamente na memória. Muitas vezes as pessoas lidam com a memória como se ela fosse algo do passado. A memória não está no passado, ela está no presente. É a invenção do passado no tempo atual, é um olhar criativo. Sem memória não há criatividade. Não há hipótese de se criar absolutamente nada se não houver memória.

AV - Qual a perspectiva de implantação dos Pontos de Memória, e que localidades no Brasil foram identificadas para receber este programa?
MC - O Ministério da Cultura numa parceria com o Ministério da Justiça, desenvolveu um projeto que está no âmbito do Ibram que é o da criação de 11 Pontos de Memória no Brasil. Nós vamos fomentar o desenvolvimento desses pontos em cidades como Curitiba, no Paraná, onde vai se instalar um Ponto de Memória no bairro Sítio Cercado, Rio de Janeiro, Recife, Salvador, Brasília, Belém, Porto Alegre, São Paulo e Vitória
Será uma espécie de experiência piloto para o lançamento no ano que vem de um edital ainda mais ampliado para a instalação de Pontos de Memória. Eles funcionam como museus sociais.

AV - Como o Ibram vem pensando os museus de artes visuais e qual o seu papel no fomento à produção artística nacional nas áreas de artes plásticas, performance, intervencionismo urbano e sites específicos?
MC - Nós temos um interesse bastante expressivo no que se refere a arte contemporânea, até porque no nosso entendimento o próprio museu na forma como nós o compreendemos é um espaço de arte contemporânea. Determinadas experiências e práticas desenvolvidas no campo da arte contemporânea também foram desenvolvidas no campo dos museus e agora estes dois campos se aproximam. Se de algum modo se pode falar na desmaterialização da obra de arte, podemos falar também na desmaterialização dos museus e a desmaterializaçao dos museus se expressa com essa experiência. Um museu que ganha a sociedade, um museu que se espalha pelas ruas, se espalha pela cidade, os museus de percurso. Neste sentido as coisas estão muito próximas e o Ibram reconhece isso. Estamos buscando justamente o diálogo com os artistas contemporâneos, curadores de arte, colecionadores de arte, mas, principalmente com os fazedores de arte. E compreendendo também que o fazer artístico hoje está muito mais disseminado. Compreendendo que nas comunidades populares existem também fazedores de arte. Na medida em que os museus dialogam com a sociedade de uma forma mais radical, eles se abrem mais para as expressões artísticas. Sabemos o quanto a arte contemporânea tem atuado nesta direção de produzir intervenções urbanas, de produzir estranhamentos na cidade, de estimular que novos olhares sejam feitos para a cidade. Os



Dentro dos museus tem espaço para as novas tecnologias e as novas mídias, para o uso destas teconologias nas exposições como uma nova interatividade.

museus também tem esse mesmo compromisso. Os museus podem e devem atuar nessa direção, da mesma maneira quando se percebe a atuação da arte contemporânea no que se refere aos sítios específicos. Os próprios museus se oferecem como sítios específicos para a atuação do artista contemporâneo. Eu posso citar o caso da Rocinha, eles estão criando 20 unidades de grafitti que vão contar a história da comunidade na favela. É o próprio museu como obra de arte. Isso ocorre também em outros lugares. Eu não estive pessoalmente no Sítio Cercado mas vejo que existem lá expressões artísticas variadas.

AV - Existe algum estímulo à formação de acervos digitais? De que forma o Ibram vê o espaço cibernético como suporte para as novas práticas museais?

MC – Essa questão é fundamental, exatamente porque a internet hoje nos possibilita um tipo de trabalho que era impensável há 10 ou 15 anos atrás, que é essa possibilidade de disponibilização de acervos digitalizados e com isso gerar uma circulação extraordinária. É um tema da maior importância. Uma questão que já está colocada é a repatriação de informações digitais. Muitas vezes não podemos repatriar determinados objetos ou bens que estão no exterior. Pela internet nós podemos acessar informações de uma forma que antes era inteiramente impossível. Além disso, podemos pensar o próprio espaço cibernético como um espaço de preservação, como um espaço de investigação e de comunicação. Temos a possibilidade de pensar museus digitais que existem inteiramente em meio digital. Não se confunde um museu digital com um site, um portal. São coisas distintas. Um museu digital existe inteiramente neste meio. Ainda temos a possibilidade também de pensar a relação entre as práticas museais e as novas mídias. Dentro dos museus tem espaço para as novas tecnologias e as novas mídias, para o uso destas teconologias nas exposições como uma nova interatividade. Temos também a compreensão do próprio museu como mídia. Como um meio de comunicação quente e vivo. Numa época em que vivemos de tanta comunicação fria é sempre bom lembrar as possibilidades que o museu traz consigo. Um espaço de encontro, convivência, conversa e namoro. Então é mesmo uma mídia quente!

AV - A cidade do Rio de Janeiro foi escolhida para sediar a Conferência Geral do ICOM em 2013. Como foi este processo? Como é vista a museologia brasileira no cenário internacional?

MC – No panorama internacional o Brasil tem uma boa presença, uma boa colocação, no que se refere a museologia e ao pensamento museológico. Está se desenvolvendo no Brasil uma tradição de formação de novos museólogos. É uma coisa que chama bastante atenção quando viajamos ao exterior. No Brasil há muitos jovens atuando neste campo porque tem uma formação em nível de graduação. Hoje nós temos 13 cursos de museologia em nível de graduação. Toda essa força museológica no Brasil e reconhecimento no exterior foi ampliado a partir da Política Nacional de Museus e isso permitiu que nós levássemos ao ICOM (Conselho Internacional de Museus) a candidatura do Brasil para sediar em 2013 a Conferência Geral do ICOM. Essa é uma conferência que acontece de 3 em 3 anos. A próxima será em 2010 em Shangai e em 2013 na cidade do Rio de Janeiro a Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus. Foi uma disputa importante. Estavam participando da candidatura as cidades de Moscou e Milão. A última vez que houve uma participação da América Latina foi em Buenos Aires em 1986. Ou seja, há quase 20 anos. Isto será muito bom para o Brasil, para a America Latina e também para o Rio de Janeiro. Uma das questões que agora estamos lidando é o legado museal. Será importante construir para 2013 um legado museal. Nós temos possibilidades e é neste sentido que estamos trabalhando.

---

www.vanhoni.com.br